

A ESTAMPA CHITA NO DESCONTÍNUO DA HISTÓRIA DOS VENCEDORES

Emanuela Francisca Ferreira Silva- Unincor¹

Resumo

Este trabalho tenta demonstrar como a estampa chita está no descontínuo da História dos vencedores, ou seja, nos espaçamentos da História ensinada nas escolas. Após diferenciar a História dos Vencedores (História tradicional) da história dos vencidos -história social que está nas ruínas da outra História -, e definir o que é cesura, foi citado um episódio da História Tradicional acontecido no século XIX, que é o comércio de estamperia entre a Europa e o Oriente. Demonstrei como outra história pode ser lembrada através das cesuras provocadas pela estampa chita, e como ela, a chita, transforma o presente com este re-olhar o passado através da história dos vencidos. Concluo este trabalho afirmando que se é possível re-olhar o passado numa volta/renovação, encontrando nas ruínas da História dos vencedores aquilo que lhe escapa.

1 A chita de Rugendas e sua função de cesura

A estampa chita foi vestido de escrava e já desfilou nas passarelas. Chegou a ser estampa da elite com o nome de alçoçaba e foi estampa de forrar mesa de cozinha. Passou pela cultura visiva desde o surgimento da televisão no Brasil e figurou também nas telas do cinema. A chita, portanto, consegue transitar em várias circunstâncias e estar presente nas cenas de momentos históricos, ora vestindo os menos abastados ora sendo resgatada pelo bom-gosto da moda.

A palavra chita deriva de *chint* em *híndi*, língua falada da Índia, derivada do sânscrito. *Chint* significa pinta ou mancha². E caracteriza, pois, a estampa predominantemente floral, tendo em vista que o hinduísmo e o islamismo, as duas religiões principais do oriente, proibiam as representações figurativas. Então, entre 3 mil e 5 mil a.C., já podem ser encontrados flores, galhos, folhagens, arabescos e desenhos geométricos, como o madra (listras cruzadas formando xadrez, típico da região de Madras), nos tecidos que os indianos

¹Bolsista da Capes, mestranda em Letras pela Unincor- Universidade Vale do Rio Verde, campus Três Corações, especialista em Linguística pela mesma instituição. Tem como orientadora a prof. Dr. Aparecida Maria Nunes. assismusic@bol.com.br

² Em Portugal, as estampas de chita, vindas da Índia, seriam conhecidas pelo nome de pintado. Na Holanda, recebe o nome de "sits" e, na Inglaterra, o tecido estampado de flores é chamado de *chintz* até hoje.

estampavam com seus cunhos, uma espécie de carimbo de madeira entalhada ou de metal, antecessor dos clichês de impressão.

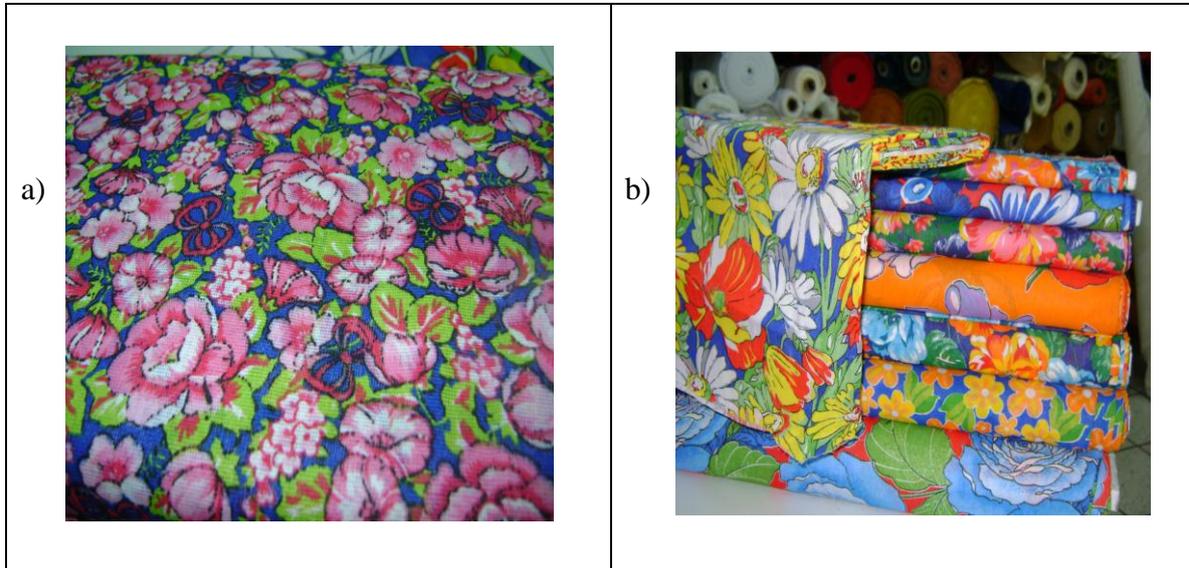


Figura 1 – Estampa chita
a) estampa chita

b) variações da estampa chita

Segundo a História Tradicional, houve grande desenvolvimento da produção de tecidos estampados na Índia, do século XI ao XV. As cores vinham de pigmentos naturais, como o índigo (planta da família das leguminosas, que produz o azul) e o dióxido de ferro (ferrugem), preparados em fervura e infusões. Para fixar a cor ao tecido, era utilizado o mordente, substância essa que agregada ao tingimento garantiria a durabilidade da cor. Por isso, os tecidos indianos resistiam melhor que os europeus a lavagens e exposições ao sol. Os anais históricos revelam ainda que os indianos chegavam a acrescentar urina a determinadas plantas tintórias para acelerar a fermentação e, com isso, produzir melhor tingimento³. Por causa dessa prática, os tintureiros, que pertenciam a castas consideradas inferiores na Índia, também eram tidos como “impuros”.

Na Europa do século XV e início do XVI, Alemanha e Itália já tingiam seus tecidos, incluindo o linho e a seda. Mas os europeus não estampavam como os indianos. Razão essa que faz com que holandeses, ingleses e franceses ficassem encantados com os tecidos

³Essa prática peculiar ainda é utilizada como recurso de tecelagem em regiões rurais de Minas Gerais.

estampados vindos da Índia. Lemos (1999, p. 26) conta que no porto de Lisboa, centro do comércio desde 1585, o tecido indiano era o produto mais procurado e lembra que a primeira estamparia de algodão em Portugal só seria inaugurada no final do século XVIII.

Sabe-se que Vasco da Gama, inclusive, quando ancora em Calcutá, em 22 de março de 1498, encontra tecidos de algodão estampados, conforme FIG. 1. E que, menos de um século depois, os conquistadores espanhóis Pizarro e Cortés descobrem nas Américas do Sul e Central tecidos de algodão, estampados pelos incas e astecas, em tons de vermelho, amarelo, azul, verde e preto. Mas, infelizmente, não se tem informações detalhadas sobre a utilização e confecção da chita pelos mesmos.

Neste ponto do trabalho, volto o olhar para a advertência de Benjamin, quando fala que a verdade da narração não deve ser buscada no seu desenrolar, mas precisamente naquilo que lhe escapa, nos seus silêncios. Por isso, prefiro considerar a estampa chita no descontínuo da História tradicional.

Sabe-se que a História tradicional - ou a história dos vencedores nas palavras de Benjamim, é a história que se encontra nos livros. Ela é capaz de ditar o passado como verdadeiro, através de seus argumentos políticos e chega até a ditar como históricos alguns “fatos míticos”. Essa História tradicional é perigosa, posto que o próprio historiador que se encontra fora do tempo histórico acaba por utilizar meios lingüísticos da ficção para apoderar-se da realidade cuja atualidade se findou.

O que seria então esse descontínuo da História tradicional, onde eu posso situar a estampa chita? Considero que “descontínuo” é a História das Mentalidades que começa a se refletir na História tradicional. Sabe-se que, na época em que surgiu a História dos Annales ou História das Mentalidades, ela era apenas uma faceta da história mais ampla, sob o viés da economia e da sociologia. Essa história se interessava pela massa da sociedade.

A história econômica, que é especializada e matemática, estava ligada de maneira íntima à história psicológica. Ambas voltavam-se para a “história dos humildes e do coletivo”, tendo em vista que o fato econômico (salário, imposto, preço) repercute de alguma maneira na vida cotidiana (taxa de natalidade e mortalidade, enriquecimento, fome). A história econômica, então, pode ser considerada uma tentativa de fazer a história descontínua do sujeito e dos acontecimentos relacionados a ele. E, essa história da humanidade anônima

permite que outra história seja delineada, isto é, a história dos vencidos que, de alguma maneira, cruza e pontua a História tradicional.

Benjamim é quem tenta pensar uma tradição dos vencidos, que não está ao nível da continuidade, mas nos saltos, na interrupção e no descontínuo, levando-se em conta, conforme Gagnebin (2004, p.99), que “o continuum da história é o dos opressores. Enquanto a representação do continuum iguala tudo ao nível do chão, a representação do descontínuo é o fundamento da autêntica tradição”. Pois então vejamos:

A história de longa duração é a história dos vencedores, mas nessa história escapam lugares como já disse anteriormente onde se oferece uma escora para uma outra história que quer ir além dela. Percebo que é muito mais do que a luta ideológica que se encontra enraizada na história que estou buscando. A verdade de um discurso não se esgota nele, mas no que se deixou escapar do mesmo. (BENJAMIM, 2004, p. 102)

Para Benjamim, lembrar o passado é muito mais do que um simples lembrar. É uma retomada ou um voltar/renovação que quebra a continuidade da cronologia tranqüila e imobiliza seu fluxo, instaurando o instante e a instância da salvação. Esse tempo descontínuo, contudo, para Benjamim, é o fundamento da autêntica tradição. A ruptura na linguagem é a paragem no contínuo da História dos vencedores. A Nova História percebeu isso e começou a encontrar nas ruínas dessa História, cesuras capazes de revelar outro passado, além daquele encontrado nos livros. Sabe-se que o termo cesura vem da literatura e significa corte, é a pausa na sexta sílaba do verso alexandrino. Para Benjamim ela tem dupla função. Primeiro é essa crítica a História Tradicional que detém uma verdade absoluta no contínuo. E o segundo é a ruptura no desenvolvimento da narrativa.

Neste trabalho pretendo trabalhar a cesura da estampa chita para fazer este corte na História dos Vencedores, mostrando novo passado que é a história dos vencidos que está no descontínuo, na paragem, no re-olhar o passado pelo que lhe escapa. Vou utilizar para isso um episódio da História Tradicional sobre o crescimento do comércio e da indústria têxtil na Europa, após isso encontrarei nos espaçamentos dele outra história, a dos vencidos, que faz com que haja na volta ao passado a renovação do meu presente.

A História tradicional conta que Portugal possuía acordos comerciais com a Inglaterra, que lhe fornecia toda a chita de que precisava. E aí, posso inferir, reside o motivo de Portugal

demorar tanto para começar a produzir chita própria. Registros na história cultural dizem que a razão para esse atraso é a habitual rejeição lusitana ao trabalho manual. Talvez por causa da influência mulçumana – para eles, a tecelagem era considerada uma atividade terrível. Tecedor era sinônimo de escravo. Há inclusive um ditado popular português ainda em voga em algumas regiões do interior de Portugal que diz “que nove décimos de toda estupidez do mundo estava entre os tecelões”.

A cesura salvadora, a interrupção neste episódio da História Tradicional, se dá no novo olhar que dirijo aos tecelões, re-significando a sua importância para o crescimento industrial da Europa e comercial entre o Oriente e o Ocidente. A História social da estampa chita conta que nas primeiras fases do processo de industrialização em Portugal, a tecelagem teve importância fundamental. Ela impulsionou a concentração fabril, fazendo como o setor industrial e o comércio internacional progredisse consideravelmente. A estampa chita passou a ser apreciada e ser colocada como preferência dos consumidores europeus.

Segundo Pedreira (1991, p.537):

A estampa chita era tecido que podia substituir com vantagens as sedas, tanto em artigos de vestuário como de decoração. A importação de cálicos cresceu consideravelmente e as Companhias das Índias Orientais começaram a organizar feitorias para reunirem esses produtos.

Na cesura ocasionada pela História social da estampa chita, encontro o mesmo tecelão que agora não está abaixo de seu produto como afirmou a História dos Vencedores. Ele é importante para o desenvolvimento econômico de Portugal e da Índia. A tecelagem passa a ser fundamental no desenvolvimento industrial europeu, que começa a produzir os estampados principalmente na Inglaterra e a repassá-los para o restante dos países da Europa.

No Oriente, a estampa chita indiana passa ter valor igual ao da seda chinesa. O comércio exterior é impulsionado por esta valorização dos florais da Índia que são vendidos para Portugal e países próximos. Tanto no Ocidente quanto no Oriente, a estampa chita transforma de maneira significativa o comércio fabril. Ela não é possui classe social. É produzida na Europa e na Índia e chega a substituir a seda no vestuário e na decoração. Gostaria de citar um grande pintor do século XIX que exemplifica bem esta conotação da estampa chita como cesura responsável por demonstrar o passado com outro olhar, o dos vencidos.

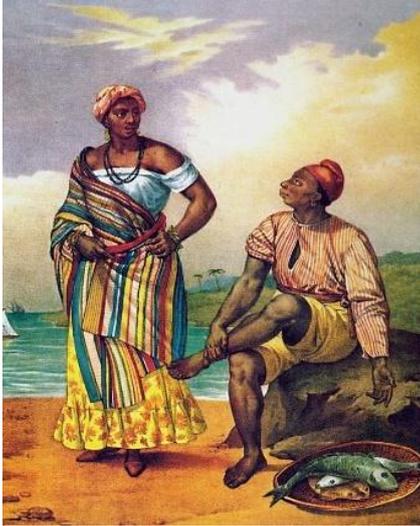


Figura 1A *nègre & negresse* de Bahia
Fonte: O Brasil de Rugendas (1998, prancha 38, conforme catalogação de Antônio Carlos Villaça.)



Figura 2B: *nègresses* de Rio de Janeiro
Fonte: O Brasil de Rugendas (1998, prancha 37, conforme catalogação de Antonio Carlos Villaça).

Este pintor é Johann Moritz Rugendas, alemão que viajou por todo o Brasil de 1822 a 1825 pintando o povo e os costumes brasileiros. Suas obras (ver Fig. 2) serão utilizadas nesse trabalho como ilustração, posto que demonstram como a estampa chita está no descontínuo da História dos vencedores. Observando atentamente a Fig. 2 posso perceber como Rugendas² retrata a escrava brasileira vestida com saia de chita no século XIX. Ela, a estampa chita, que está vestindo a escrava, é utilizada por Rugendas como traje para os menos abastados; lembro que neste mesmo século a estampa chita é colocada como estampa de elite. O álbum *Viagem Pitoresca através do Brasil* (1998) em que aparecem essas imagens foi extremamente criticado por nele ser encontrado mais beleza que verdade.

Rugendas utiliza a estampa chita em negros, parece que ele vê algo que ninguém mais percebe. Eles Também podem utilizar as cores e formas desta estampa assim como seus irmãos que se encontram na África. É como se Rugendas estivesse tentando representar através da estampa: a força e a alegria que ela evoca no intrínseco onde todas as classes têm acesso. São apenas suposições, outros trabalhos vindouros poderão ajudar a justificar com mais clareza essas afirmações.

A estampa chita transita por várias classes sociais, e é na cesura, no descontínuo da História que a encontro com esta característica eclética. Ela é vestimenta de nobreza e valoriza o tecelão, pois é graças às tecelagens que o processo industrial português cresça e se desenvolva.

Trabalhando como artesão que tece cuidadosamente o tecido para depois colocar as cores e formas, posso encontrar na história tempos esquecidos e rememoriá-los sob outra óptica. Trazendo a tradição do vencido ao presente, posso encontrar em fragmentos da história da estampa chita, nas cesuras provocadas por ela na História dos vencedores, o descontínuo que me leva a outra história que é a dos vencidos. Os vencidos são os tecelões que tem importância fundamental para o crescimento industrial da Europa e o aumento do comércio entre o Oriente e o Ocidente, graças à produção da estampa chita que passa a ter o mesmo valor da seda.

Esta é, pois, a cesura da estampa chita no contínuo, aquela que demonstra como a história tradicional mistifica com falsos mitos a história dos vencedores colocando castas inferiores em pessoas que são tecelãs e não detém o poder das instituições como a igreja ou o estado.

Abstract

This work attempts to demonstrate how the chintz print is discontinuous in the history of the winners, that is to say, in the spacing of history taught in schools. After to differentiate the Winners History (History Traditional) and history of the vencidos - that is social history in the ruins of another history -, and define what is cesura, was quoted an episode of History Traditional happened in the nineteenth century, which is the printing trade between Europe and the East. I demonstrated how other history can be remembered through of the cesuras caused by the chintz print, and how it, the chintz, transforms the present with this re-look at the past through the history of the vencidos. I conclude this work and I affirm that it is possible to re-look the past in a back / renovation, finding the ruins of the history of the winners what escape him.

Referências

- BENJAMIM, Walter. Magia e técnica, Arte e Política. Ensaios sobre Literatura e história da cultura. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- COSTA, Shirley; BERMAN, Débora; HABIB, Roseane Luz. 150 Anos da Indústria Têxtil Brasileira. Rio de Janeiro, SENAI – CETIQT/Texto e Arte, 2000.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Lembrar escrever esquecer. São Paulo: Copyright Editora, 2006.

- GARCIA, Carol. Chita. Chitinha e chitão: notas sobre imagens e andanças. . Trabalho (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Puc-SP.[S.I.:s.n.].
- HOBSBAWUM, Eric. Era dos Extremos - o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOBSBAWUM, E. J. Sobre História. Tradução C. K Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- LE GOFF, Jacques. A História Nova. Tradução Eduardo Brandão. 5ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- LE GOFF, Jacques. História e Memória. São Paulo: Copyright Editora, 2003.
- MELLÃO, Renata. Que Chita Bacana. São Paulo: Ed. A Casa-Casa Museu do Objeto Brasileira, 2005.
- MORAIS, Rubens B; VILLAÇA, Antônio Carlos; MILLET, Sérgio. O Brasil de Rugendas. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1998.
- PEDREIRA, José Miguel. Indústria e Negócio: a estamperia na região de Lisboa, 1780-1880. Trabalho (Doutorado em Ciências Sociais e Humanas) – Universidade Nova de Lisboa, 1991[S.I.:s.n.]
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Reflexões sobre a Memória, a História e o esquecimento. Rio de Janeiro, 26 e 27 de ago. 1999, p 59-85.